



Balé do pato

*Este livro apresenta os mesmos textos
ficcionais das edições anteriores.*

Balé do pato

e outras crônicas

Paulo Mendes Campos

Ilustrações

Marcelo Pacheco e Fábio Costa

Balé do pato

© by Joan A. Mendes Campos, 2012

Gerente editorial	Claudia Morales
Editor	Fabricio Waltrick
Editora assistente	Malu Rangel
Diagramadora	Thatiana Kalas
Coordenadora de revisão	Ivany Picasso Batista
Revisora	Alessandra Miranda de Sá
Projeto gráfico	Mariana Newlands
Coordenadora de arte	Soraia Scarpa
Editoração eletrônica	Ludo Design
Tratamento de imagem	Cesar Wolf, Fernanda Crevin
Pesquisa iconográfica	Silvio Kligin (coord.)

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C216b
4. ed.

Campos, Paulo Mendes, 1922-1991
Balé do pato / Paulo Mendes Campos; ilustrações
de Marcelo Pacheco, Fábio Costa. - 4.ed. - São Paulo :
Ática, 2012.
152p. : il. - (Para gostar de ler ; v. 24)

Contém suplemento de leitura
Inclui apêndice e bibliografia
ISBN 978-85-08-14557-7

1. Antologias (Crônica brasileira). I. Mendes Campos,
Paulo, 1922-1991. II. Costa, Fábio. III. Título. IV. Série.

11-1412. CDD: 869.98
CDU: 821.134.3(81)-8

ISBN 978 85 08 14557-7 (aluno)
Código da obra CL 737821
CAE: 266146

2018
4ª edição
3ª impressão

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061 atendimento@aticascipione.com.br
www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livrarias, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

APRESENTAÇÃO

Um pescador de situações, 7

METIDO EM APUROS

O despertar da montanha, 10

Balé do pato, 15

À beira da piscina, 20

Menino de cidade, 24

Meu reino por um pente, 28

Menina no jardim, 32

Receita de domingo, 37

Aparição, 40

O homem que odiava ilhas, 44

Pai de família sem plantação, 50

Lagartixa, 54

A bela e a fera, 57

REVIVENDO O PASSADO

Numa cidadezinha de Minas, 62

Um saco de confetes, 67

Marcha para o Oeste, 71

Revolução em Belo Horizonte, 75

Uma senhora, 81

As horas antigas, 85

O contágio, 89

Um homem, 93

PENSANDO NA VIDA

Achando o amor, 98

O homem de Vigo, 102
A arte de ser infeliz, 107
A grande guerra, 111
O pobre do escritor, 116
A marquesa saiu às cinco horas, 120
Minhas janelas, 126
O homem que calculava, 130
Pescadores de molinete, 134
Uma ou duas raposas, 139

CONHECENDO O AUTOR, 143

OBRAS DO AUTOR, 146

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 149

UM PESCADOR DE SITUAÇÕES

Muitas das histórias engraçadas e surpreendentes que você vai ler fazem parte das lembranças de Paulo Mendes Campos em diferentes fases de sua vida. A vontade de escrever aconteceu ainda nos tempos de colégio, quando decidiu contar os primeiros episódios de suas traquinagens: “(...) comecei a escrever aos doze anos de idade, por um capítulo das minhas memórias. No ano anterior, eu havia fugido de casa, com dois amigos, buscando as aventuras de Mato Grosso”.

Diga-se de passagem que o autor passou toda a sua infância em Minas Gerais, cercado de matas, rios, bichos, pássaros e, claro, muitas diversões. Vêm daí o seu amor pela natureza (isso numa época em que ninguém falava em ecologia!) e também a sua “mineirice”, que pode ser entendida como um olhar sempre meio desconfiado em relação às coisas da cidade grande.

Mas nem só de lembranças vive um escritor. Anos mais tarde, morando no Rio de Janeiro e já considerado um exímio pescador da

Barra da Tijuca, Paulo Mendes Campos nos descreve um pouco da tarefa “complicada” de ser adulto e pai de família. A vida não é mais centrada no menino, mas nos personagens, nas situações divertidas e nos momentos inesperados (ou mesmo embaraçosos) que o autor vai “pescando” aqui e ali, para depois narrá-los com humor e sabedoria: “Eu me baseio sempre nas coisas que aconteceram dentro e fora de mim”. Assim, por suas janelas (que foram muitas) passam tipos espirituosos, comoventes, malandros e até mesmo esquisitos. Sem contar os que conviveram com ele!

Durante toda a sua carreira literária e jornalística — que começou nos anos 1940 e se estendeu até 1991 —, esse cronista requintado foi colaborador de inúmeros jornais e revistas do Rio de Janeiro, como o *Correio da Manhã*, o *Diário Carioca* e a *Manchete*. Além da linguagem, refinada e irônica, um de seus grandes segredos foi a variedade de temas com que costumava cativar o leitor. Dos fatos mais corriqueiros aos mistérios literários, tudo podia servir de material para a sua coluna; era ali que ele demonstrava toda a sua genialidade como grande pensador de seu tempo. É por isso que a sua narrativa permanece tão atual, agradando a leitores de todas as idades.

Você vai rir, pensar e se emocionar ao enxergar a vida pelos olhos deste eterno garoto bom de prosa.

Metido em apuros

O despertar da montanha

Assim como há quem sofra de insônia, sofro eu de despertar. Meu sono é tão nebuloso, tão viscoso, tão atravessado de assombrações e armadilhas, que me custa o indizível ter de me arrastar desse brejo ancestral para as obrigações do mundo urbano. Existe um poema de Henri Michaux¹ que conta o angustioso renascimento do planeta gasoso em que certas pessoas se transformam depois da viagem noturna.

Enquanto pude, filho ou chefe de família, proibi que me fosse feita qualquer pergunta durante a minha primeira hora de vida cada manhã. Você hoje vai cedo para a cidade? Uma questão à toa como essa, em vez de me puxar para a frente, me empurra de novo para trás, para o pântano primevo, onde se conhece apenas o desconhecimento. Quer um ovo quente? E eis-me outra vez cadáver

1 Poeta e pintor belga (1899-1984) que procurava retratar em sua obra o mundo interior revelado por sonhos, fantasias e drogas alucinógenas. (N.E.)

que não morreu de todo, um morto ainda emaranhado no pesadelo de ter vivido.

Quando os pequenos foram crescendo (são dois, como no *Plebiscito*, um menino e uma menina), minha interdição começou a ser desmoralizada. Abro os olhos omissos e, como um cão que estranha o dono, tenho vontade de latir para o mundo. Venho de charnecas nevoentas, venho de desencontros e nada quero. Sou só um pedaço de homem, sem forças para galgar os degraus do dia que se oferece. Já inclinado a regressar para sempre ao meu povoado de fantasmas, de horrores e êxtases, ouço uma voz a pronunciar palavras incompreensíveis. Faço um esforço sem direção. Uma faísca sonora articulou a palavra *papai*, estilhaçando a treva que vedava a face do abismo. Papai era eu. Abro os olhos e vejo uma carinha que não me é de todo estranha. Depois de sofrida reflexão, admito que pode ser minha filha. Mas terei uma filha? Desisto de saber. Fui por um túnel, ando, ando, e reapareço do outro lado, onde a mesma carinha me espera com a sua condenação. *Papai*. Papai sou eu mesmo, digo para tranquilizar-me. Removo destroços, procuro espancar pelo menos o grosso do nevoeiro, agarro-me ao abajur, ao armário, à persiana, e o homem da caverna consegue emitir uma palavra: Hã! A menina, esperançada, repete a sentença ininteligível:

— Como é que eu distribuo 2400 litros d'água por três reservatórios, de modo que o primeiro tenha 54 litros mais que o segundo, e este 63 litros mais que o terceiro?

Diante desse enigma é melhor voltar à condição de ameba, mas já é tarde: estou grudado a uma zona intermediária, numa terra de ninguém, entre dois mundos absurdos. Abre-se um pouco mais a réstia do entendimento, mas o impasse continua. Com ressentido orgulho, confesso: Não sei. A carinha não se afasta e compõe outro enigma, como se fosse possível a gente ignorar

uma coisa e saber outra, como se os enigmas todos não constituíssem um único e esmagador enigma:

— Uma livraria manda pagar a uma casa editora de Paris uma fatura de 1500 francos² por intermédio do Banco de Londres.

Suspiro de desespero. A esfinge continua:

— Eu quero saber qual a quantia necessária, em moeda brasileira, se 30 francos valem uma libra, e esta, 48 cruzeiros.

Aquela libra a 48 cruzeiros me tonteia:

— Não sei; pergunte à sua mãe que é inglesa.

Fecho os olhos. (*Puxa, papai!*) Abro os olhos. Reconheço com uma alegria de bicho inferior que a menina impertinente sumiu. Posso regressar aos meus pampas impalpáveis, às minhas campinas eternas. Mas uma pata de urso me agarra pelos cabelos. *Papai*. Abro os olhos com relutância e vejo uma cara redonda e resolvida de menino.

— Pai, os músculos formam o que chamamos de carne?

— É claro — respondo sem convicção, só para ficar livre daquela cara de maçã.

— Quais são os símbolos da Pátria?

— Que Pátria?

— Da nossa Pátria, ora bolas!

— Não me lembro de todos.

— Como eram constituídas as bandeiras?

— Mesma coisa de sempre: um pedaço de pano e um pedaço de pau.

— Deixa de ser burro, pai; essa até eu sei: as bandeiras eram constituídas de homens, mulheres, moços, velhos, índios amansados, padres, animais domésticos e bestas de carga.

² Este texto é anterior à União Europeia, que estabeleceu o euro como moeda comum aos países do grupo, do qual a França faz parte. (N.E.)



- Se você sabe, por que está perguntando?
- Queria ver se você é mesmo ignorante.
- Vê se não chateia, Daniel.

Recebo uma patada no ombro e reconheço que perdi o combate: vou nascer de novo. A luz me machuca. Usando todos os meus pseudópodos, rastejo até o chuveiro. A água faz bem aos animais.

Do outro lado da porta as perguntas também chovem:

- Qual é o antônimo de fervor?
- O barulho do chuveiro não me deixa ouvir.
- Que consequências trágicas sofreu o Brasil na Segunda Grande Guerra Mundial por não possuir estradas?
- Hein? Depois eu conto.
- Movimento de translação é assim ou assim?
- Não posso ver pela porta, não é, Gabriela?
- Como Pedro Álvares Cabral podia saber que tinha chegado na baía Cabrália?
- Engraçadinho!...
- Como era mesmo o nome direito do Caramuru?
- João Ramalho, menina.
- Que João Ramalho, pai!
- Uai, não é não?
- João Ramalho é aquele que ajudou Martim Afonso de Sousa na capitania de São Vicente.
- Ah, isso mesmo: o bacharel de Cananeia.
- Mas eu quero saber é do Caramuru.
- O do Caramuru eu não sei não.

Balé do pato

Sete horas da manhã quando o guarda-vidas Alexandrino, moreno bem brasileiro, chegou à praia de Botafogo. Sorte sua, pois o fiscal apareceu como se acabasse de materializar-se. Era homem de fiscalizar os minutos.

Manhã de vento, mais para fria e nebulosa, anunciando pouco serviço. Com uma vareta o guarda-vidas começou a desenhar na areia um excelente elefante, no qual tinha jogado ao passar no café da esquina. Só faltava o rabo quando a vaga veio e devorou o elefante. Alexandrino dedicou-se a criar o coração de Jesus envolto em labaredas de amor, e ficou só.

Não por muito tempo, pois, erguendo a cabeça, viu que entrava para dentro da praia uma linda senhora loura, vestida com simplicidade esportiva e elegância. Até aí tudo normal. Mas acontecia que a bonita senhora chorava a cântaros, tocando o coração do bom Alexandrino. Assim mesmo, até aí tudo mais ou menos normal. Mas acontecia uma coisa mais grave: a mulher trazia nos braços